

NOTA TÉCNICA FUNDAJ-CECIM 01.2021

Nascimentos e Mortes no Nordeste

Data: 24/11/2021, Recife.

Autores:

Morvan de Mello Moreira

Wilson Fusco

Esta nota técnica apresenta a situação dos nascimentos e mortes no Nordeste brasileiro em meio à pandemia da coronavírus, dando conhecimento sobre os dados referentes ao período 2015-2020.

Uma das razões que suscita o interesse sobre o tema decorre da nota divulgada pelo IBGE em 18 de novembro de 2021: “Registro Civil 2020: número de registros de óbitos cresce 14,9% e o de nascimentos cai 4,7%”, ao lado de outras declarações de natureza similar, todas no sentido de que o aumento no número de mortes foi acima do número de nascimentos.

À primeira vista, é um fato contundente morrer mais brasileiros do que nascer. Seria aterrador se esta fosse a trajetória futura da população brasileira: mortes crescendo acima de nascimentos. Mas esta é uma situação particular, de vivência de uma fração expressiva da população mundial, ditada pela dimensão de uma pandemia ainda em atividade, que se apresenta em ondas sucessivas a manterem governos atentos a possíveis crescimentos das mortes quando seriam esperadas reduções.

Nesta condição de pandemia, estranho seria, no momento pelo qual passa o país, se a notificação fosse de natureza inversa: o número de nascimentos aumentara e o de óbitos caíra. Isto, de um lado, não só porque a taxa de fecundidade (número de filhos que as mulheres terão ao fim de sua vida reprodutiva) já vem declinando há décadas. De outro, a esperança de vida ao nascer (o número médio de anos que um recém-nascido espera viver) está aumentando por anos sucessivos. E, assim, a situação de momento, claramente distinta de anos anteriores, não comporta a percepção de que esse seja o desfecho da trajetória da população brasileira em um horizonte próximo. Reduzida a letalidade da Covid-19, a sobremortalidade gerada pela pandemia, retomadas as feições originais da trajetória da mortalidade brasileira, agora acrescida das repercussões advindas da pandemia, modifica-se a evolução da mortalidade em termos de momentos pré-pandemia. Até então, é plausível que por períodos específicos o número de mortes supere o de nascimentos, a denotar a força da pandemia.

Considere-se adicionalmente que o aumento de mortes entre 2019-2020 foi maior entre a população de 60 anos ou mais e que, no que concerne à população com menos de 15 anos, houve expressivo declínio no número de óbitos.

O que as estatísticas do IBGE evidenciam com clareza, assim como as de outras nações, e que não é de se surpreender, é o impacto de uma pandemia, de alta letalidade associada aos distúrbios sociais e econômicos dela decorrentes e por ela agravados. Não se trata de uma ameaça previsível, passível de medidas antecipatórias, como é o caso das mudanças climáticas, mas que, como todas as ameaças, impõe perdas consideráveis se não combatida com tenacidade. Por essa razão, movimentos desta natureza, anotados pelas estatísticas pelo IBGE, são esperados.

Dados referentes aos óbitos segundo as regiões brasileiras são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 – População, Óbitos e Taxas Brutas de Mortalidade por Regiões – 2015-2020

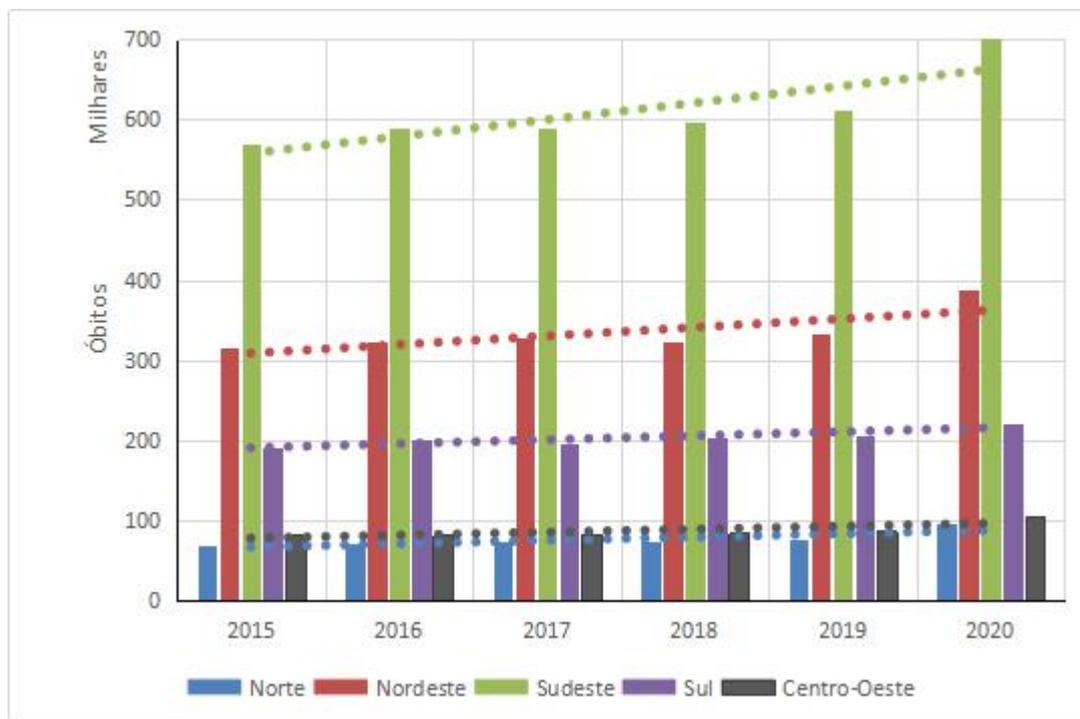
Região	2015	2016	2017	2018	2019	2020
	População					
Norte	17.458.469	17.691.399	17.929.800	18.182.253	18.430.980	18.672.591
Nordeste	55.828.194	56.138.510	56.442.149	56.760.780	57.071.654	57.374.243
Sudeste	85.679.246	86.367.683	87.035.037	87.711.946	88.371.433	89.012.240
Sul	29.067.145	29.300.208	29.526.869	29.754.036	29.975.984	30.192.315
Centro-Oeste	15.442.629	15.658.787	15.870.886	16.085.885	16.297.074	16.504.303
	Óbitos					
Norte	70.085	71.110	73.663	74.680	76.171	96.069
Nordeste	315.868	324.188	328.927	321.782	332.033	387.745
Sudeste	569.121	590.240	590.419	595.869	613.132	700.956
Sul	190.058	201.486	196.322	202.814	205.611	221.020
Centro-Oeste	81.405	81.580	83.752	84.101	86.597	104.259
	Taxa Bruta de Mortalidade (por mil)					
Norte	4,0	4,0	4,1	4,1	4,1	5,1
Nordeste	5,7	5,8	5,8	5,7	5,8	6,8
Sudeste	6,6	6,8	6,8	6,8	6,9	7,9
Sul	6,5	6,9	6,6	6,8	6,9	7,3
Centro-Oeste	5,3	5,2	5,3	5,2	5,3	6,3

Fonte: População - IBGE. Revisão de 2018; Óbitos – IBGE. Sidra. Tabela 2654

Os dados da Tabela 1 mostram um expressivo crescimento no número de mortes em 2020 em todas as regiões brasileiras, fruto, em essência, das mortes pela Covid-19, assim como daquelas não associadas a ela, resultantes da falta de acesso ao sistema de saúde. Os maiores acréscimos relativos ocorreram na região Norte, na qual aumentou em 26% o número de mortes em 2020 em relação a 2019 (no estado do Amazonas o aumento foi de 32%), seguido pela região Centro-Oeste que experimentou 20% mais mortes em 2020 do que em 2019, frente à média nacional de 15%. Os efeitos dos aumentos de mortes entre os anos de 2019 e 2020 são evidenciados pelas variações nas taxas brutas de mortalidade regionais (número de óbitos entre 1000 residentes), em torno de 1 por mil, com exceção da região Sul, qual seja, relativa homogeneidade entre as regiões de maiores populações (Sudeste e Nordeste).

No Gráfico 1 são apresentados os números de óbitos segundo as regiões e a trajetória linear no período 2015-2020.

Gráfico 1- Óbitos e evolução linear por regiões - 2015-2020



Fonte: População - IBGE. Revisão de 2018; Óbitos – IBGE. Sidra. Tabela 2654

Decorre da pandemia da Covid-19 a significativa redução do número de nascimentos a partir do crescimento do número de casos fatais da Covid-19.

Na Tabela 2 são apresentados os dados de nascimentos no período 2015-2020. No que respeita ao registro de nascimentos, nos anos da covid, há que se ter em conta eventuais subestimativas em razão de postergação no registro dos recém-nascidos.

Tabela 2 – População, Nascimentos e Taxas Brutas de Natalidade por Regiões – 2015-2020

Região	2015	2016	2017	2018	2019	2020
	População					
Norte	17.458.469	17.691.399	17.929.800	18.182.253	18.430.980	18.672.591
Nordeste	55.828.194	56.138.510	56.442.149	56.760.780	57.071.654	57.374.243
Sudeste	85.679.246	86.367.683	87.035.037	87.711.946	88.371.433	89.012.240
Sul	29.067.145	29.300.208	29.526.869	29.754.036	29.975.984	30.192.315
Centro-Oeste	15.442.629	15.658.787	15.870.886	16.085.885	16.297.074	16.504.303
	Nascimentos					
Norte	333.268	318.332	320.758	327.465	322.817	291.924
Nordeste	855.562	809.891	826.052	844.822	813.648	763.808
Sudeste	1.189.385	1.122.939	1.155.628	1.150.208	1.104.853	1.053.830
Sul	408.881	393.377	398.650	398.583	389.134	376.353
Centro-Oeste	252.584	238.011	246.138	248.078	242.863	230.267
	Taxa Bruta de Natalidade (por mil)					
Norte	19,1	18,0	17,9	18,0	17,5	15,6
Nordeste	15,3	14,4	14,6	14,9	14,3	13,3
Sudeste	13,9	13,0	13,3	13,1	12,5	11,8
Sul	14,1	13,4	13,5	13,4	13,0	12,5
Centro-Oeste	16,4	15,2	15,5	15,4	14,9	14,0

Fonte: IBGE. Sidra. Tabela 2612.

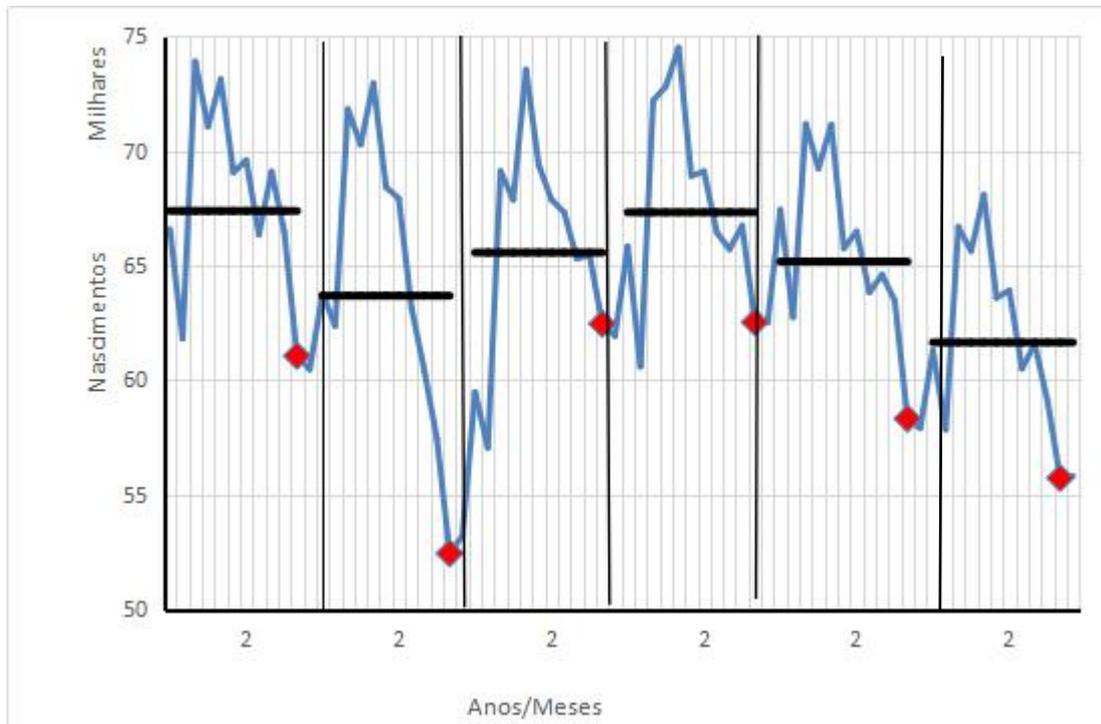
Em 2020, em todas as regiões brasileiras, o número de nascimentos é inferior àquele do ano anterior (4,7%, em termos nacionais), que, por sua vez é menor do que o ano precedente (3,0%). Na região Sudeste a redução no número absoluto de nascimentos já se dá em 2018.

Observe-se, adicionalmente, a redução do número de nascimentos em 2016 e a leve recuperação no ano seguinte, sem que em nenhuma delas, mesmo nos anos seguintes, haja retorno aos números anteriores. O ano de 2016 foi marcado pela epidemia do zika vírus, tendo sido detectada, em 2015, sua associação com a síndrome de Guillain-Barré e malformações do sistema nervoso central ao nascimento, notabilizando a microcefalia.

No Gráfico 2 é apresentada a evolução dos nascimentos mensais no período 2015-2020, o número médio de nascimentos anuais, e destacado, em cada ano, o número de nascimentos correspondente ao mês em que o menor número de nascimentos ocorreu no período (o mês de novembro - mínimo registrado em novembro de 2016).

A trajetória dos nascimentos na região Nordeste mostra uma significativa redução nos nascimentos em 2016, seguido de leves recuperações nos anos seguintes (2017 e 2018) e uma reversão em 2018, ampliada em 2019.

Gráfico 2 – Região Nordeste - Nascimentos segundo meses, média mensal e nascimentos no mês de novembro – 2015-2020



Fonte: IBGE. Sidra. Tabela 2609.

Os anos 2019 e 2020 tendem a repetir as reduções observadas em 2016, em retração causada pela epidemia do zika vírus, agora pelo temor decorrente da pandemia da Covid-19. Observe-se que a redução no número de nascimentos quando da epidemia do zika vírus foi mais ampla do que a registrada na pandemia da Covid-19. Fosse contemporâneas a epidemia de zika e a pandemia da Covid-19 a situação seria muito mais alarmante.

O futuro imediato sugere que à medida em que se ameniza o impacto do coronavírus os nascimentos venham a serem retomados. O que é uma incógnita é a dimensão da recuperação, tendo em conta as consequências da pandemia, das oportunidades perdidas, da situação social. Talvez o que seja mais improvável é um esperado baby-boom pós-pandemia capaz de reverter a tendência de redução dos níveis de fecundidade brasileira. A principal questão a se ter em tela diz respeito ao comportamento da coronavírus.